

# Capim-elefante anão cultivar Mott: pastagem com alto potencial para produção animal

Edison Xavier de Almeida, Gerzy Ernesto Maraschin,  
Oscar L. Harthmann, Henrique Ribeiro Filho  
e Jefferson Araújo Flaresso

O capim-elefante anão cultivar Mott foi selecionado de uma progênie de capim-elefante em 1977 na Estação Experimental Georgia Coastal Plain, Tifton, Georgia-EUA. Em homenagem às pesquisas iniciais desenvolvidas pelo Dr. Gerald O. Mott o material recebeu a denominação de capim-elefante anão cultivar Mott (1).

No Brasil foi introduzido em diversas instituições de ensino e pesquisa desde o início da década de 80. A partir de 1985 começou a ser pesquisado na EPAGRI - Estação Experimental de Ituporanga, sendo inicialmente difundido para a proteção de terraços e utilização sob corte para a alimentação animal. O capim-elefante anão cultivar Mott pode atingir até 1,6m de altura em crescimento livre, embora não seja esta a recomendação na prática. É heterozigoto e não produz plantas semelhantes por sementes, devendo ser propagado vegetativamente. Pode florescer no final do outono e início do inverno, e se produzir sementes, estas segregarão e produzirão plantas de porte alto e de porte baixo, já que se trata de um híbrido. Por isto, deve ser multiplicado vegetativamente, e o manejo deve incluir o impedimento da formação de sementes viáveis em razão dos dias curtos do ano, o que é natural no Sul do Brasil. Apresenta uma grande participação de folhas, o que lhe confere alta qualidade. A forragem consumida por animais em pastejo, para produzir ganho, contém aproximadamente 17% de proteína bruta e 68% de digestibilidade.

## Estabelecimento da pastagem

Por tratar-se de uma forrageira de alta qualidade, deve-se assegurar a produção de forragem por muitos anos sem necessidade de renovação. Para isso é fundamental que no estabelecimento sejam efetuadas calagem e adubação, conforme a análise de solo. Para tal os produtores deverão consultar os técnicos locais de seus municípios. A adubação nitrogenada em cobertura (normalmente três aplicações por ano no período de crescimento da pasta-

gem) deverá ser efetuada através de fertilizantes orgânicos e/ou químicos.

O plantio deve ser feito, preferencialmente, de outubro a março, através de colmos inteiros deitados em sulcos, espaçados 60 a 70cm e cobertos com aproximadamente 5cm de solo.

No Sul do Brasil apresenta maior adaptação às regiões de clima Cfa (subtropical úmido), não tolerando solos encharcados e os mal drenados.

## Utilização

O capim-elefante anão cultivar Mott



*Capim-elefante anão cultivar Mott: produz 1,0kg de ganho de peso vivo/novilha/dia*

é uma pastagem de alta qualidade, devendo ser utilizado, preferencialmente, para animais com alto potencial de produção, tanto leiteiros como de corte.

Pode ser manejado em pastejo contínuo ou rotativo, sendo de fundamental importância manter uma oferta de forragem que não limite o consumo pelos animais, nem provoque a degradação da pastagem e do solo. Isto é obtido mantendo-se a pastagem com reserva de folhas verdes, ou seja, com aproximadamente 40 a 60cm de altura de plantas.

### Resultados de pesquisas

Diversos trabalhos de pesquisa têm sido efetuados com o capim-elefante anão cultivar Mott no que se refere a época de plantio, orientação dos colmos no sulco, número de nós por colmo, profundidade de plantio, adubação em áreas de produção de mudas, germinação de sementes e preparo e densidade de mudas para plantio. No entanto, os requerimentos de calagem e adubação, possibilidades de consorciação e respostas à adubação nitrogenada ou orgânica, além de aspectos fitossanitários, têm sido pouco pesquisados com esta forrageira.

A produção de matéria seca e quali-

dade de forragem sob corte de capim-elefante anão cultivar Mott, incluindo o manejo para esta finalidade, têm sido largamente estudadas, tanto no Brasil como em outros países. Por outro lado, com relação ao efeito do pastejo sobre a dinâmica do solo e da pastagem poucos trabalhos de pesquisa têm sido realizados. São mais raros ainda os resultados de pesquisa envolvendo rendimento animal em pastagens de capim-elefante anão cultivar Mott, com poucas referências em nível nacional. Neste sentido, os trabalhos iniciados (1) e terminados (2) na Flórida, EUA, obtiveram 0,97kg de ganho de peso vivo médio diário por novilho. Estes resultados foram significativos, principalmente em se tratando de uma espécie perene tropical, ou seja, uma pastagem com crescimento no período de primavera, verão e parte do outono e que, uma vez estabelecida, produz forragem de alta qualidade por muito tempo, desde que bem manejada.

Os resultados das pesquisas que vêm sendo realizadas pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), através da Estação Experimental de Ituporanga desde 1985, mostram que o capim-elefante anão cultivar Mott produz 1,0kg de ganho de peso vivo/novilho/dia, du-

rante os meses de outubro a abril. Neste período é possível manter em torno de 1.500kg de peso vivo/ha/dia, em pastejo contínuo, com um ganho de 6,0kg de peso vivo/ha/dia. Desta forma, durante a fase de utilização da pastagem, de aproximadamente 200 dias, obtém-se em torno de 1.200kg de ganho de peso vivo/ha, sem prejuízos à pastagem e ao solo. É importante salientar que estes rendimentos são obtidos exclusivamente no pasto, apenas com inclusão de sal mineral e água.

Em termos de produção de leite, face ao potencial de consumo de proteína e energia da forragem que o animal pasteja, é possível inferir que uma vaca com capacidade de resposta a forragem de alta qualidade produzirá em torno de 15kg de leite/dia, logo quatro vacas (1.500kg de peso vivo) totalizarão 60kg de leite/ha/dia. Assim, no período de 200 dias de utilização o capim-elefante anão cultivar Mott tem potencial para produzir 12.000kg de leite/ha. Estes dados são bastante animadores, principalmente considerando que a produtividade média de leite do Sul do Brasil não chega a 1.500kg/ha/ano e que a do Brasil é inferior a 1.000kg de leite/ha/ano.

O custo para formação e manutenção de 1ha de capim-elefante anão é de R\$ 627,00 e R\$ 281,00, respectivamente, sendo que o custo por quilo de matéria seca produzida de pastagem é de R\$ 0,03. O saldo da produção de carne ou leite obtida durante o período de utilização da pastagem é de aproximadamente R\$ 628,00 e R\$ 1.921,00, respectivamente.

Para maiores informações contactar com a EPAGRI - Estação Experimental de Ituporanga, Lageado Águas Negras, s/n, C.P. 121, Fone (047) 833-1409, 88400-000 Ituporanga, SC.

### Equipe de pesquisa

Eng. agr. M.Sc. Edison Xavier de Almeida - EPAGRI - Estação Experimental de Ituporanga, SC.

Eng. agr. Ph.D. Gerzy Ernesto Maraschin - UFRGS - Faculdade de Agronomia, RS.

Eng. agr. M.Sc. Oscar L. Harthmann - EAFRS - Escola Agrot. Fed. Rio do



*Novilhos entraram na pastagem com peso médio de 170kg e saíram 200 dias após com 370kg*

Sul, SC.

Eng. agr. M.Sc. Jefferson Araujo  
Flaresso - EPAGRI - Estação Experimental de Ituporanga, SC.

Eng. agr. M.Sc. Celomar Daison  
Gross - EPAGRI - Administração Regional Rio do Sul, SC.

Zoot. M.Sc. Henrique Ribeiro Filho  
- UDESC - Centro Agroveterinário, SC.

Eng. agr. M.Sc. Henri Stuker -  
EPAGRI - Estação Experimental de  
Itajaí, SC.

Eng. agr. Ph.D. Ildegardis Bertol -  
UDESC - Centro Agroveterinário, SC.

Eng. agr. Ph.D. Jaime de Almeida -  
UDESC - Centro Agroveterinário, SC.

Eng. agr. Ph.D. Lauro Müller - UFSC  
- Centro de Ciências Agrárias, SC.

## Entidades financiadoras

EPAGRI - FEPA/Programa  
Microbacias-BIRD/CNPq

## Literatura citada

1. SOLLENBERGER, L.E.; PRINE, G.M.;  
OCUMPAUGH, W.R. HANNA, W.W.;  
JONES, JR., C.S.; SCHANK, S.C.;  
KALMBACHER, R.S. Registration of  
'Mott' dwarf elephantgrass. *Crop Science*,  
v.29, n.3, p.827-828, 1989.
2. MOTT, G.O.; OCUMPAUGH, W.R. Carrying  
capacity and liveweight gains of cattle  
grazing dwarf elephantgrass. In:  
*Agronomy Abstracts*, Madison, 1984.  
p.133. (76th Annual Meeting, 1984, Las  
Vegas).

**Edison Xavier de Almeida**, eng. agr., D.Sc.,  
Cart. Prof. 5.373-D, CREA-SC, EPAGRI/Estação  
Experimental de Ituporanga, C.P. 121,  
Fone/Fax (047) 833-1409, E-mail: exa@  
epagri.rct-sc.br, 88400-000 Ituporanga, SC,  
**Gerzy Ernesto Maraschin**, eng. agr., Ph.D.,  
Cart. Prof. 3.907-D, CREA-RS, UFRGS/Facul-  
dade de Agronomia, Departamento de Plantas  
Forrageiras e Agrometeorologia, C.P. 776, Fone  
(051) 316-6045, 91501-970 Porto Alegre, RS,  
**Oscar L. Harthmann**, eng. agr., M.Sc., Cart.  
Prof. 42.012-4, CREA-SC, Escola Agrotécnica  
Federal Rio do Sul, C.P. 441, Fone (047) 891-  
7011, 89160-000 Rio do Sul, SC, **Henrique  
Ribeiro Filho**, zoot., M.Sc., UDESC/Centro  
Agroveterinário, C.P. 281, Fone(049) 255-2866,  
88520-000 Lages, SC e **Jefferson Araújo  
Flaresso**, eng. agr., M.Sc., Cart. Prof. 8.196-D,  
CREA-SC, EPAGRI/Estação Experimental de  
Ituporanga, C.P. 121, Fone/Fax (047) 833-1409,  
88400-000 Ituporanga, SC. □

## Palmito - fonte de divisas

O Brasil é o maior produtor de palmito no mundo. Cerca de 90% de sua produção é consumida internamente e o restante é exportado. Além de maior consumidor, é também, até a presente data, o maior exportador, sendo responsável pelo abastecimento de 85% do mercado mundial, que é muito pequeno.

As importações são feitas por 60 países em todo o mundo, muitas delas de maneira esporádica e em pequena quantidade. Os maiores importadores têm sido países da Europa, em especial a França, que diminuiu suas importações devido a má qualidade do palmito enviado pelo nosso país, e que, por ser, em quase toda sua totalidade, de origem extrativista, dificilmente consegue manter a qualidade.

Em contrapartida, o mercado norte-americano tem mostrado uma curva de importação ascendente. Para que o produto processado entre nos Estados Unidos existem normas de qualidade mais rígidas, o que faz com que o palmito que chega ao consumidor seja de melhor qualidade. Recentemente, observou-se uma tendência no mercado norte-americano de importar também palmito ao natural ou pré-processado. Isso abre um novo mercado para a exportação do produto e gera a necessidade de desenvolver técnicas que mantenham a qualidade do palmito.

Outros mercados têm crescido, tais como Japão, Canadá, Dinamarca, Israel e Grécia.

Esses exemplos demonstram que para garantir e ampliar o mercado devemos manter a oferta regular e padronizar a qualidade do produto, o que só será possível através de cultivo e da exploração racional de palmeiras produtoras de palmito de boa qualidade.

A exploração predatória, ou seja, a colheita indiscriminada de palmito, que vem sendo feita em larga escala em nosso país, desde o início dos anos 50, já provocou grande devastação nas palmeiras nativas utilizadas.

Duas espécies predominam ainda hoje nessa atividade. Na região Centro-sul do Brasil a espécie nativa é *Euterpe edulis* Mart., conhecida popularmente como palmito, juçara ou içara. Ela fornece palmito de bom rendimento e de boa qualidade, mas tem como desvantagem o fato de apresentar estipe único e

não regenerar após o corte. A espécie nativa do Norte do país *Euterpe oleracea* Mart., conhecida popularmente como açazeiro, apresenta farto perfilhamento, porém fornece palmito de menor rendimento e qualidade inferior.

O palmito em conserva apresenta alta demanda, mas sua qualidade deixa a desejar, devido principalmente a dificuldade de produzir a matéria-prima, dado o caráter extrativo desta exploração. Acredita-se que a produção racional poderia melhorar a situação atual, inclusive ganhando outros mercados internacionais face às possibilidades de oferta constante de produto de boa qualidade e de utilização de outras partes da palmeira como novos produtos e subprodutos, aumentando assim a rentabilidade da cultura. Além disso, o cultivo racional diminuiria sensivelmente a pressão de exploração sobre as palmeiras nativas, contribuindo para a preservação dos recursos naturais.

O uso racional de outras palmeiras para a produção de palmito será uma das alternativas para diminuir a pressão de exploração sobre as espécies *Euterpe edulis* e para diminuir os entraves causados pela legislação vigente que, se por um lado dificulta o cultivo e exploração racional em áreas de mata nativa, por outro não impede o roubo freqüente de palmito, mesmo em reservas estaduais.

Dentro deste contexto, a EPAGRI através do Programa de Pesquisa e Difusão de Tecnologia de Essências Florestais em Urussanga, Içara e Itajaí vem desenvolvendo pesquisa com várias palmáceas produtoras de palmito com o objetivo de avaliar os seguintes parâmetros: crescimento, espaçamento, adubação, rusticidade, precocidade, produção de sementes e outros, segundo informa o engenheiro agrônomo José Antonio Cardoso Farias, da EPAGRI/Urussanga.

O experimento denominado Unidade de Comprovação de Palmáceas foi implantado em outubro de 1995, e estão sendo avaliadas as seguintes palmáceas: palmito comum (içara), pupunha com espinho, pupunha sem espinho, açai, palmito híbrido e palmeira-real-da-austrália.

Desde que foi instalado o projeto, já se pode verificar que o palmito comum (içara), o palmito híbrido e a palmeira-real são as espécies que estão despontando como as melhores em crescimento e rusticidade.